

## A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO, A PARTIR DA REFERENCIA CONCEITUAL DO LUGAR E O SEU DIALOGO COM A FENOMENOLOGIA EM MERLEAU-PONTY

THE PRODUCTION OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE, BASED ON THE CONCEPTUAL  
REFERENCE OF PLACE AND ITS DIALOGUE WITH PHENOMENOLOGY IN MERLEAU-  
PONTY

A PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO A PARTIR DEL REFERENTE  
CONCEPTUAL DEL LUGAR Y SU DIÁLOGO CON LA FENOMENOLOGÍA EN MERLEAU-  
PONTY

Douglas Emiliano Januário Monteiro<sup>1</sup>

Ricardo Alexandre da Cruz<sup>2</sup>

Carolina Santos Monteiro<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou analisar a produção do conhecimento geográfico a partir da referência conceitual do Lugar, estabelecendo um diálogo com a Fenomenologia, especialmente com as contribuições de Maurice Merleau-Ponty, para compreender como a experiência vivida e a corporeidade influenciam a interpretação dos fenômenos socioespaciais. Metodologicamente, o estudo baseou-se em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos da Geografia Humanista e da Fenomenologia, complementada por observação participante realizada em um bairro popular do interior de Minas Gerais, onde foram identificadas práticas sociais, afetivas e culturais que reafirmam formas de resistência e pertencimento. Os resultados evidenciam que o Lugar ultrapassa a noção de localização física, constituindo-se como espaço de experiências sensoriais, memórias compartilhadas, vínculos afetivos e intersubjetividades, marcadas também por relações de poder e desigualdades raciais. Conclui-se que a Fenomenologia, ao integrar corpo, percepção e mundo vivido, oferece subsídios fundamentais para compreender a dimensão subjetiva da existência espacial, permitindo reconhecer os Lugares como sínteses de significados construídos no cotidiano e como elementos essenciais na produção do conhecimento geográfico contemporâneo.

1

**Palavras-chave:** Lugar. Mundo vivido. Fenomenologia.

**ABSTRACT:** This article sought to analyze the production of geographical knowledge from the conceptual framework of Place, establishing a dialogue with Phenomenology, especially with the contributions of Maurice Merleau-Ponty, to understand how lived experience and corporeality influence the interpretation of socio-spatial phenomena. Methodologically, the study was based on a bibliographic review of classic and contemporary authors of Humanistic Geography and Phenomenology, complemented by participant observation carried out in a working-class neighborhood in the interior of Minas Gerais, where social, affective, and cultural practices that reaffirm forms of resistance and belonging were identified. The results show that Place transcends the notion of physical location, constituting itself as a space of sensory experiences, shared memories, affective bonds, and intersubjectivities, also marked by power relations and racial inequalities. It is concluded that Phenomenology, by integrating body, perception, and lived world, offers fundamental support for understanding the subjective dimension of spatial existence, allowing us to recognize Places as syntheses of meanings constructed in everyday life and as essential elements in the production of contemporary geographical knowledge.

**Keywords:** Place. Lived world. Phenomenology.

<sup>1</sup>Doutor em Geografia pela UFMG. Docente no Instituto Federal de Minas Gerais-campus Arcos, cedido para a Coordenação Geral de Justiça, Segurança Pública, Direitos Humanos e Mulheres da Controladoria Geral da União- CGU.

<sup>2</sup>Pós-Doutor em Educação pela UFV e Doutor em Educação pela PUC-SP. Professor do Instituto Federal do Acre.

<sup>3</sup>Graduanda em Comunicação Social- Jornalismo pela UFV.

**RESUMEN:** Este artículo buscó analizar la producción del conocimiento geográfico a partir del referente conceptual del Lugar, estableciendo un diálogo con la Fenomenología, especialmente con las contribuciones de Maurice Merleau-Ponty, para comprender cómo la experiencia vivida y la corporeidad influyen en la interpretación de los fenómenos socioespaciales. Metodológicamente, el estudio se basó en una revisión bibliográfica de autores clásicos y contemporáneos de la Geografía Humanista y de la Fenomenología, complementada por una observación participante realizada en un barrio popular del interior de Minas Gerais, donde se identificaron prácticas sociales, afectivas y culturales que expresan formas de resistencia y sentido de pertenencia. Los resultados evidencian que el Lugar supera la noción de ubicación física, constituyéndose como un espacio de experiencias sensoriales, memorias compartidas, vínculos afectivos e intersubjetividades, marcado también por relaciones de poder y desigualdades raciales. Se concluye que la Fenomenología, al integrar cuerpo, percepción y mundo vivido, ofrece aportes fundamentales para comprender la dimensión subjetiva de la existencia espacial, permitiendo reconocer los Lugares como síntesis de significados construidos en la vida cotidiana y como elementos esenciales en la producción contemporánea del conocimiento geográfico.

**Palabras clave:** Lugar. Mundo vivido. Fenomenología.

*Estrada de terra,  
leve-me para casa.  
Para o lugar que pertença.  
John Denver*

Este ensaio traz reflexões e uma revisão de literatura acerca do Lugar, numa perspectiva da Geografia Humanista, trazendo um diálogo com a corrente filosófica da Fenomenologia, com ênfase nas contribuições de Maurice Merleau-Ponty. Para fins de exemplificação recorreremos numa observação participante dos moradores de um bairro popular da cidade do interior mineiro, a fim de elucidar esse arranjo teórico possa explicar o cotidiano e formas de reexistir dos afrodescendentes no território brasileiro. Além disso, foi criado um perfil nas redes sociais das manifestações sacro-culturais (congado) afim de transcender e “dar vida” ao texto na forma do mundo vivido e expresso pelo Lugar.

Assim, considerando a trajetória e a constituição do conhecimento geográfico, podemos observar diferentes formas de pensar e refletir sobre os fenômenos socioespaciais, sendo que cada uma delas possui sua particularidade e contribui para a riqueza da criação de novos procedimentos metodológicos, bem como se apresenta como fundamental à interpretação da realidade geográfica (Rocha, 2007).

Nesse sentido, o Lugar é um conceito importante para descrever esses processos que ocorrem na cotidianidade das pessoas pela experiência de vida com o sujeito e com o outro no ambiente externo.

Holzer (2003), elucida que por muito tempo o Lugar foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de uma determinada porção territorial, o que resultou num plano secundário nos estudos geográficos. Entretanto, essa reflexão teórica reorientou-se nas universidades norte-americanas, trazendo grande produção acadêmica e riqueza nos trabalhos em campo. No Brasil, bem como em outros países ocidentais, esta perspectiva da corrente geográfica, em analisar a “essência” dos Lugares, consolidou-se plenamente no início dos anos 1990 (Wagner; Mikesell, 2007).

Como proposta de trabalho, a referência conceitual do Lugar deve ser compreendida numa abordagem humanística, valorizando as relações afetivas desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente externo, permitindo ocorrer um sentimento de raiz e segurança com o Lugar (Leite, 1998). O conceito trata, então, dos referenciais afetivos que se desenvolvem ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. (Moreira; Hespanhol, 2008). E nessa perspectiva que há consonância com a contribuição fenomenológica de Merleau-Ponty (1999), ao defender que a percepção precede a conceituação, tornando a experiência vivida central na compreensão dos espaços, onde os corpos em seus sentidos sensoriais trazem a compreensão do mundo de acordo com a sua experiência.

Tuan (1983), nessa mesma vertente de pensamento, compartilha que o Lugar é um sentimento de lugar resultante das experiências e do pertencimento na localidade, a partir da cotidianidade no espaço vivido. Os símbolos, valores e costumes existentes nesses lugares podem ser percebidos e compartilhados por indivíduos ou pelo grupo inserido no contexto observado. Assim,

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (Tuan, 1979, p. 387 *apud* Holzer, 1999, p. 70).

Tuan (1979), na interpretação de Holzer (1999), define o espaço e o lugar como a natureza da ciência geográfica, a partir de uma perspectiva Humanista, cujo viés investigativo são as experiências individuais ou de grupo (intersubjetiva) no espaço.

Dessa forma, a escolha desse conceito-chave se refere à necessidade de verificar e interpretar os sentimentos e experiências dos indivíduos no espaço. Nas palavras de Merleau-Ponty (1999), o mundo não é o que pensamos sobre ele, mas aquilo que se experimenta. O Lugar onde se vive realiza um intercâmbio global de significados, em que se coloca numa relação de

troca, pois ambos são influenciados nessa conectividade relacional, e observando as relações do espaço vivido, essa forma de geografar esteve muito além dos métodos científicos impostos pelo positivismo. E na abordagem da Geografia Humanística, esse conceito se fez presente como um resultado da experiência humana (Holzer, 2003).

Portanto, corpos racializado, PCDs e homoafetivos, interpretados como não hegemônicos por referencial europeu cristão, irão experimentar o Lugar de maneira diferentes por aqueles que têm passibilidade em diversos espaços dentro da sociedade estruturalmente desigual.

Nesse sentido, o Lugar, torna-se um conjunto de articulações dentro da geometria das relações de poder, onde ocorrem conexões e desconexões, visando a construir trajetórias espaciais (Massey, 2008).

Nesse ínterim, Buttimer (2015) chama atenção para o reconhecimento dos Lugares pela representatividade cultural e social reconhecida pelas pessoas. Ela nos dá o exemplo do espaço urbano que se notabilizou como palco da identidade local politicamente articulada nas cidades. A explicação dessa afirmativa estaria nos guetos étnicos do início do século vinte na América do Norte e no continente do Velho Mundo, nos migrantes de origem rural dentro das cidades industriais de Nova Inglaterra. Segundo a autora, estes locais de agrupamento populacionais assumiram um caráter “étnico” distinto, visto que ocorreram fronteiras nos espaços físicos, leis de zoneamento e preconceito dirigido a esses indivíduos. Assim, esses lugares tornaram-se expressões espaciais diferentes da ordem social vigente, denotando outras formas paisagísticas e refletindo, desse modo, nas visões de mundo e padrões de comportamento dos indivíduos naquele lugar específico.

No interior do estado de Minas Gerais, especificamente no município de Alvinópolis, observa-se, entre pessoas de ancestralidade afro-brasileira, diversas formas de resistência frente a uma sociedade historicamente constituída por estruturas opressoras de caráter racial. Essas estratégias de enfrentamento manifestam-se por meio de expressões culturais, como a música, bem como em práticas pautadas por relações de afeto, cuidado mútuo e iniciativas de solidariedade econômica.

Um exemplo marcante dessas estratégias é o sistema de “consórcio” praticado entre os moradores. Em geral, constituídos por grupos de aproximadamente dez participantes, os consórcios envolvem contribuições financeiras mensais previamente acordadas. A cada mês, um dos membros recebe o montante integral, conforme pactuado, sendo os juros

significativamente inferiores aos praticados no mercado financeiro. Esse processo, conduzido sem a formalização de contratos, é amplamente utilizado para atender a demandas diversas, incluindo melhorias habitacionais, viagens, compra de material escolar para os filhos etc.

Desse modo, o movimento afrocentrado, com o protagonismo negro evidente no território do referido município, evidencia o esforço coletivo dessas pessoas em ressignificar o espaço cotidiano, promovendo uma síntese entre o sentido de pertencimento e o cultivo de laços afetivos.

A figura abaixo, representa as atividades do Dia da Consciência Negra em 2023 em solos alvinopolenses, contando com a presença de grupos de manifestações sacro-culturais de outras cidades, oficina de maquiagens, arranjo de turbante, desfile pela cidade, palestras sobre a temática racial, exposição fotográfica da beleza negra, apresentação de samba enredo da Escola de Samba do município e danças ancestrais, especialmente pela capoeira. Houve, também momento de partilha por meio do esmagamento de amendoins através de pilão e cânticos em expressões e palavras de origem do território africano.

**Figura-1:** Somos herança da memória<sup>4</sup>



**Fonte:** acervo pessoal, 2023.

Nesse contexto de diálogo da Geografia a partir dessa referência conceitual, torna-se importante a proposta fenomenológica como premissa de interpretação geográfica para os estudos humanísticos, pois a Geografia do espaço vivido, -nas palavras de Dardel-, se volta para

<sup>4</sup>.Ver mais em: Congado Alvinópolis | As rainhas em sua beleza e diversidade. África. | Instagram. Congado Alvinópolis | A Guarda de Congado de Mariana, também mantém viva a capoeira. | Instagram Acesso em: 21 de março de 2025.

a exploração e a relação do indivíduo com o mundo, movimento espacial e sua permanência no local de existência. (Holzer, 1999)

Essa vertente humanista se debruça em estudar à escala individual de vivência cultural, enquanto os culturalistas estão numa orientação coletiva das vivências e representações culturais. Essa referência de estudos acadêmicos, entre os anos de 1960 e 1970, tendo a preferência de desenvolver trabalhos com conceitos de Lugar e Espaço, enquanto os pesquisadores da vertente cultural trabalham com os conceitos de Paisagem e Região (Marandola Jr., 2005; Holzer, 1993)

Alves et al. (2021) argumentam que a percepção do espaço como “o seu lugar” implica a integração do indivíduo às experiências vivenciadas e assimiladas de maneira diversa, em um ambiente circunscrito e próximo. Tal integração abrange a expressão de emoções de distintas naturezas, incluindo aquelas ligadas às amizades, conquistas, angústias, alegrias, sentimentos e realizações pessoais.

Nesse cenário, o Lugar se manifesta, como: “[...] um arquivo de lembranças afetivas de realizações esplêndidas que inspiram o presente (Tuan, 1983, p. 171). Ele está além de um recorte espacial, uma vez que ele se apresenta como uma “experiência de envolvimento do homem com o mundo” (Relph, 1979, p. 19).

A relação entre os lugares e os indivíduos, conforme elucidado por Buttmer (1985), revela a proposição de uma teoria do corpo-sujeito, na qual se evidencia a interação direta entre o corpo e o mundo apreendido. Nesse âmbito, a intersubjetividade emerge como um processo dialógico, que estabelece conexões entre esse mesmo corpo e o ambiente externo, sendo tal processo reconhecido pela interação com outros sujeitos presentes no mesmo contexto sócio-histórico.

Relph (1979) nos revela que o mundo social vivido é concebido como uma construção da experiência espacial, compreendido tanto como um cenário natural quanto como um ambiente transformado pela ação humana. Essa intersubjetividade constitui a essência da vida cotidiana, entendida como um processo contínuo pelo qual os indivíduos recriam, reinterpretam e ressignificam os espaços que habitam. Portanto, “as pessoas nascem dentro de um mundo intersubjetivo, isto é, aprendemos a linguagem e os estilos de comportamento social que nos habilitam” no mundo diário (Buttimer, 1985, p. 181).

Em nossa interpretação, conforme demonstrado em solos mineiros, os corpos socialmente lidos e integrados num determinado recorte espacial, desenvolvem uma vivência



na busca de um significado do lugar reconhecido pelo grupo. Assim, territórios de ancestralidade africana e indígena; populações atingidas por barragens em suas territorialidades, podem se constituir como um importante lócus de análise sobre a manifestação do Lugar para esses sujeitos.

Tuan (1983, p. 6) considera que Espaço e Lugar são conceitos-chave que definem o “espírito” da Geografia. “O que começa como espaço indiferenciado (abstrato) transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Portanto, compreendemos o mundo por meio dos sentimentos e percepções no qual vivemos.

Tuan (1985) e Relph (1979) argumentam que a principal competência do geógrafo humanista reside na interpretação dos significados atribuídos aos conceitos, símbolos e percepções relacionadas ao espaço e ao lugar. Essa abordagem é complementada pela análise da subjetividade, compreendida como um comportamento moldado pela escolha de valores e influenciado pela esfera ideológica, visto que as interpretações do mundo não possuem neutralidade intrínseca. Assim, compreender o fenômeno do mundo vivido requer a consideração da diversidade e intensidade das experiências vinculadas ao lugar. Essas experiências, que configuram a subjetividade, manifestam-se nas rotinas, nos afetos e até mesmo nos conflitos inerentes às relações espaciais, caracterizadas por ritmos e contradições que refletem a continuidade da vida (Carlos, 2007).

Ademais, o Lugar é concebido como um espaço repleto de experimentações e significados imersivos que, ao longo do tempo, sob uma perspectiva emotiva, transforma-se em um ambiente íntimo e subjetivo para o indivíduo. Nesse contexto, Carlos (2007) postula que é no lugar que ocorre a apropriação do espaço, mediada pelo corpo e pelos sentidos que os indivíduos experienciam e carregam consigo.

E é dessa maneira que as experiências humanas são analisadas por sentidos, sensações, percepções que são enraizadas na relação do indivíduo com seu corpo e o mundo ao seu redor. Essa dinâmica estabelece uma conexão entre a biografia pessoal e as condições sociais vigentes no momento vivido (Marandola Júnior, 2005). Risso (2014), complementa se referindo aos lugares como sonhos, conforto e devoção, ao mesmo tempo em que carregam sentimentos de segurança e proteção (Leite, 1998).

Buttimer (2015) propõe que os lugares deveriam ser compreendidos sob a perspectiva do lar, distinguindo-se da localização física, pois há horizontes imaginativos impregnados na experiência do vivido, sendo um espaço estruturado pelas experiências que adquirimos do

mundo (Tuan, 1985). Nas palavras de Relph (1979), o lugar é a síntese da experiência e envolvimento com o mundo a partir da necessidade de raízes e de segurança. Logo, cada indivíduo estaria inserido num lugar permeado por vontades e experiências, que se modificam de acordo com interesses, as quais são reconhecidas no tecido social de sua existência.

As dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem elaborar redes de interação com o meio externo e afirmam que, mesmo que ocorram mudanças, existem sensações e sentimentos de um passado por parte dos indivíduos inseridos que nos permitem a ideia de pertencimento com o Lugar, e que nas palavras de Tuan (1983, p. 130), “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra”. Logo, o sentido é um significado subjetivo e está relacionado com alguma referência da memória coletiva e do espaço vivido dos sujeitos.

Tuan (1983) ainda buscou valorizar as experiências no espaço. Nesse sentido, desenvolveu o conceito de topofilia, que, em síntese, estaria aos sentimentos de atração para com os lugares. Dito de outro modo,

É um sentimento direcionado para o lar, para o que é confortável, detalhado, diverso, ambíguo, sem confusão e tensão; envolve experiências estáticas dos lugares naturais e construído pelo homem e os apelos mais persistentes e persuasivos de ambientes atrativos e paisagens centrais. Em resumo, topofilia inclui qualquer coisa dos ambientes que nos faz sentir relaxado ou estimulado (Relph, 1979, p.19).

Nesta mesma perspectiva, a concepção do mundo vivido estaria nas rotinas diárias, nos significados não questionados e determinantes no comportamento humano. Esse viés é interessante para descrever o universo cotidiano dos indivíduos a partir de suas percepções, desejos, lembranças e ações.

Relph (1979) destaca que o mundo vivido pode ser obscurecido pelos conceitos científicos e convenções sociais. Embora façamos parte dele, sua essência não é imediatamente evidente, sendo necessário desvendá-lo. A fenomenologia, nesse contexto, fornece métodos que revelam a complexidade e a profundidade dos significados. Trata-se de um universo presente no cotidiano, mas que exige a suspensão de crenças e preconceitos prévios para ser compreendido, adotando-se a perspectiva de quem vivencia o fenômeno estudado.

Vale ressaltar, inclusive, que os lugares nem sempre são visualizados pelos limites reconhecíveis da consciência do mundo concreto, uma vez que se manifesta como uma construção subjetiva internalizada nas práticas cotidianas, e os sujeitos envolvidos não o percebem como tal. Esta consciência só se manifesta quando existe uma ameaça ao desaparecimento do lugar. A título de exemplo, poderíamos mencionar a demolição ou a venda



de uma casa passada a determinada família por gerações e com a qual, ao longo do tempo, foram criados vínculos afetivos, o que fez com que ela se tornasse um lar; ou, ainda, a derrubada de uma árvore que materializa um passado da infância de determinada pessoa. Acredita-se, que “objetos” como estes que compõem determinados espaços materializam um passado e sentimentos vividos acionados pelo íntimo da memória dos indivíduos envolvidos.

Conforme Buttimer (2015), a identidade cultural individual está profundamente vinculada à identidade do Lugar, logo a perda do "seu lugar" pode desencadear ou culminar em uma crise de identidade, pois conforme já apontado, o Lugar, abrange dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. Os indivíduos, também mantêm interações sociais e individuais mediadas por redes que têm os lugares como base. Quando os valores associados à experiência no Lugar são ameaçados, manifestações de "protesto" podem emergir em defesa de sua significação.

Esse conceito, portanto, está além da simples localização geográfica, ele envolve vivências e conexões com o mundo. Assim, não se trata apenas de um único "Lugar", mas de múltiplos "Lugares", em suas experiências e significados. Logo, a sua relação não depende do tempo de permanência, mas de sua harmonia ou das primeiras memórias ontológicas que o evoca (Relph, 1979). Quando essas relações são positivas, manifestam-se como topofilia — afeição e prazer associados ao Lugar. Já experiências negativas resultam em topofobia, um sentimento de aversão naquele determinado espaço.

É importante destacar que, na expectativa de Amorim Filho (1999), a Topofilia está em valores afetivos buscados e compreendidos, para a maioria das pessoas, como um sentimento coletivo. O autor ora mencionado destaca as cidades históricas mineiras que têm grande apreço pelas pessoas, pois os códigos paisagísticos dessas localidades remetem a sentimentos valorativos de prazer e paz. Diferentemente de cidades metropolitanas, que podem emitir sentimentos avessos entre seus habitantes, visto que as pessoas percebem esses lugares como inseguros, poluídos e estressantes devido ao congestionamento das cidades.

Esses conceitos são extremamente importantes para verificar a percepção das pessoas em relação às comunidades de vivência. Assim, a partir de um arcabouço memorial das vidas dos habitantes de um determinado espaço, o Lugar torna-se um esquadro de sua existência.

Observamos, nesta direção, que o Lugar é um espaço da manifestação da cotidianidade, onde o corpo coloca-se em uma relação direta com o mundo (Gomes, 1996).

Por fim, é oportuno destacar que essas relações entre os indivíduos com o mundo também podem não ser harmoniosas. É forçoso destacar, ainda, que a percepção de cada lugar poderá se expressar de forma diferente entre indivíduos, a partir de classes sociais diferentes e/ou de outras origens desses sujeitos, sejam elas do espaço rural ou da cidade (Andrade, 1987).

Assim, para interpretar a complexidade em analisar o homem e o seu espaço vivido, temos que associar os elementos observáveis da realidade, bem como os seus pensamentos e os valores atribuídos e compartilhados com o grupo, pois esse sujeito está no mundo, imerso numa realidade existencial simbólica e afetiva. Logo, a Geografia, na perspectiva fenomenológica, possui um papel importante enquanto ramo do saber das Humanidades, qual seja, o de interpretar a Significação do Lugar, buscando responder às questões subjetivas internalizadas no íntimo das pessoas, em um determinado contexto sócio-histórico.

Sobre a fenomenologia, Tuan explica que:

Ou medimos e mapeamos o espaço e o lugar, e adquirimos leis espaciais e inventários de recursos através de nossos esforços. Estas são abordagens importantes, porém precisam ser completadas por dados experienciais que possamos coletar e interpretar com fidedignidade, porque nós mesmos somos humanos. Temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos. Temos a visão do interior dos fatos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos (Tuan, 1983, p. 5).

A fenomenologia, portanto, não se preocupa em ter o rigor exato da ciência matemática ou da estatística para descrever o fenômeno; ela se ocupa do que foi internalizado pelas vivências pessoais cristalizadas na consciência humana, tendo o corpo sensorial como mediador de si com o mundo.

Por outro viés, a corporeidade se apresentou desde o início do pensamento filosófico ocidental e já assumiu diversas formas, entre elas: críticas negativas, de caráter religioso, mas com pouca expressividade até o início do século XX, e com um caráter positivo. A partir da obra de Merleau-Ponty, temos que a percepção ao sentido do próprio corpo o inscreve na instância do sujeito que emite uma comunicação, não podendo ser, portanto, interpretado apenas pelas partes orgânico-fisiológicas da ciência ou por pensamentos da psicologia clássica (Marques, 2019).

Encarar o corpo nessa redução é um problema que o reconhece apenas pelos conhecimentos científicos – postura na qual a experiência vivida do mundo se encontra desvalorizada (Merleau-Ponty, 2004). Para se conhecer e se reconhecer no outro, é preciso viver no próprio corpo, experimentando e vivenciando as sensações apresentadas nele pelo mundo.

A fenomenologia da percepção revela que as questões relativas à compreensão da realidade não admitem uma resposta única, uma vez que o que é percebido pode assumir caráter ambíguo, dependendo da experiência perceptiva vivida. Assim, torna-se demasiadamente pretensioso propor respostas universais ao conhecimento, especialmente sob a ótica do pensamento objetivo, uma vez que, conforme Merleau-Ponty (1999), "o corpo constitui nosso ponto de vista sobre o mundo".

Nesse sentido, para superar a limitada visão do mundo objetivo, é necessário adotar perspectivas epistemológicas que integrem corpo e alma como uma unidade indissociável, rejeitando a dicotomia entre objeto e sujeito. Essa integração manifesta-se a cada movimento existencial no palco espacial da vida cotidiana. Como argumenta Merleau-Ponty (2004), "o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito com um corpo, que só alcança a verdade das coisas porque seu corpo está como que cravado nelas" (p. 17-18).

Esse autor critica as respostas objetivistas, pois entende que a experiência perceptiva é sempre mediada por um referencial corporal. A existência, nesse contexto, representa um fenômeno profundamente enraizado na corporeidade.

Nessa reinterpretação, o Ser se apresenta em uma determinada situação, circundada por uma teia de relações com os outros sujeitos, e que a mediação corporal estabelecida entre esses corpos nos posiciona no mundo, onde essa experiência existencial descortina uma infinidade de possibilidades interpretativas da realidade de dado momento vivido.

Nos amparando em Marques (2019), ela nos traz uma outra possibilidade interpretativa dos cosmos ao explicar a quebra de paradigmas da compreensão científica a partir de Albert Einstein, ao instaurar Teoria da Relatividade<sup>5</sup> no século XX, pois seus estudos são símbolo de tentar compreender a concepção do infinito do universo no qual estamos inseridos. Portanto, não é uma "guerra" contra o saber científico cartesiano, mas explicitar o fato de que ele não pode ser o único critério de explicação do mundo e dos objetos que estão contidos nele.

Nesse contexto, a referida teoria postula que as massas existentes no universo são capazes de gerar deformações no tecido espaço-tempo, influenciadas tanto pela sua presença quanto pela atração gravitacional que exercem. Assim, é possível afirmar que os corpos

---

<sup>5</sup>Essa teoria afirma quanto maior for a massa do corpo, mais ele encurva o espaço-tempo ao seu redor. Logo não é a maior massa do objeto que atrai o outro, e, sim, a sua deformidade que deixa um rastro onde outros corpos de menor massa serão atraídos.

humanos produzem configurações geométricas nesses espaços a partir de suas interações em um instante vivido, em um contexto específico do tempo presente.

De acordo com a teoria da relatividade, compreende-se que o tempo é relativo ao ponto de referência adotado, sendo mais lento para corpos em movimento em comparação àqueles em repouso. Dessa forma, as explicações acerca de um determinado fenômeno dependerão necessariamente do ângulo de análise escolhido e da abordagem interpretativa adotada.

Com essas mudanças de paradigmas o pesquisador, a partir de uma relação dialógica/afetiva com o fenômeno, produzirá percepções que poderão comungar ou não com as interpretações do e com o outro, além de se perceberem no contexto pesquisado, pois estamos no mundo, e interagimos com ele constantemente.

Esse fenômeno poderá se apresentar de forma diferencial, pois, segundo Merleau-Ponty (1999), cada percepção dependerá da experiência do sujeito, que dará sentido àquilo que observa. O estudioso ainda nos informa que os sentidos não são apenas um meio fisiológico do corpo: esses sentidos agem como um instrumento perceptivo que dialoga com o mundo, rememorando outras sensações à consciência e, assim, ressignificando a experiência e construindo, cotidianamente, a subjetividade. Logo, o espaço é importante, visto que o entendimento do eu é o estar no mundo que nos rodeia, e que esse mundo passa a existir pela percepção que o sujeito possui de sua existência. Em outras palavras, interpretar o mundo é o *eu ser e estar no mundo com os outros e consigo mesmo*.

12

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999) inaugura uma tese importante para a compreensão do indivíduo, pois o seu corpo não está separado de sua consciência, como era considerado pela filosofia aristotélica: é, antes, um corpo mediador da percepção do mundo. Logo, "sentir" tornou-se importante como categoria de análise perceptiva do mundo, uma vez que o empirismo esvaziou todo o seu mistério, reconduzindo-o à categoria de qualidade dos fenômenos, não apresentando a diferença que existe com a experiência. "A luz de uma vela muda de aspecto para a criança quando, depois de uma queimadura, ela deixa de atrair sua mão e torna-se literalmente repulsiva" (Merleau-Ponty, 1999, p. 87). O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida, o que nos faz compreender que o:

[...] nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão do mundo e é esta mesma visão realizada, é a condição de possibilidade, não apenas da síntese geométrica, mas ainda de todas as operações expressivas e de todas as aquisições que constituem o mundo cultural (Merleau-Ponty, 1999, p. 519).

Para que possamos perceber o mundo, é imprescindível que haja a nossa existência refletindo sobre ele, para que possamos reconhecê-lo em sua “essência” naquele momento perceptivo, onde a produção do conhecimento desse mesmo mundo torna-se um conhecimento também sobre a humanidade. Nessa compreensão, a linguagem é entendida como a existência de “imagens verbais”, a partir de uma herança deixada por nós pelas palavras pronunciadas ou ouvidas num determinado tempo de outrora, que podem ser expressas, também, pelos signos corporais (Merleau-Ponty, 1999).

Dessa forma, a fenomenologia se apresenta como um campo fértil de possibilidades às pesquisas sobre a organização territorial das pessoas a partir da sua consciência. Muitos investigadores, especialmente da Geografia, sobretudo no âmbito da abordagem humanista-cultural, têm se inspirado no aporte teórico da Fenomenologia como subsídio metodológico, ou se amparando nas explicações argumentativas a fim de buscarem uma maior compreensão da realidade pesquisada a partir do Lugar (Almeida, 2011).

Em suma, essa corrente filosófica oferece uma abordagem metodológica relevante para os estudos geográficos, permitindo a análise do Lugar a partir da experiência subjetiva dos sujeitos, onde a percepção do espaço cotidiano é mediada pelo corpo e pelas interações intersubjetivas, conferindo um caráter dinâmico e relacional ao Lugar, evocando como síntese a rede de afeto e a sensação de raiz e segurança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. B. Abordagem fenomenológica transcendental e existencial na geografia: As bases para o entendimento do espaço vivido. *Revista Geografar*, v. 6, n. 2, 2011.
- ALVES, R. C. et al. Mapas mentais e a representação geocognitiva: novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens. *Inter Espaço*, Grajaú(MA), v. 7, p. 01-24, 2021.
- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. *Percepção Ambiental: a perspectiva brasileira*. São Carlos: UFSCar/ Studio Nobel, p.139-152, 1999
- ANDRADE, M. C. de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BUTTIMER, A. Aprendendo o Dinamismo no Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193

- BUTTIMER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- CARLOS, A.F.L. O lugar no/do mundo. São Paulo: FLCH, 2007.
- CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org) Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GOMES, P. C. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996
- HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. *Revista território*, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.
- HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. In: *Território / LAGET*, UFRJ. ano 2, n. 3, jul./dez., p. 77-85, Rio de Janeiro: Garamond, 1997.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraphia*. Niterói (RJ), Universidade Federal Fluminense, ano V, nº 10, 2003, p. 113-123.
- LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. Vol.21. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ/RJ, 1998. p. 09 - 20.
- MARANDOLA Jr., E. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.
- MARQUES, R. F. Corpo e liberdade: possibilidade, condição, ambiguidade. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 5-17, 2019
- MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. *Revista Formação (Presidente Prudente)*, n. 14, v. 2, p. 48-60, 2008.
- RELPH, E. *As Bases Fenomenológicas da Geografia*. Geografia. Rio Claro, v.4. 1979.
- RISSO, L.C. Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural. *Revista Terra plural*, Ponta grossa, v.8 p. 309-339, 2014.
- ROCHA, S. A. Geografia Humanista: história, conceito e o uso da paisagem. *R. RAÉ GA*, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Editora UFPR.
- TUAN, Y. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad.de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). Perspectivas de Geografia. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 143-164.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. A geografia e a percepção humana. São Paulo: EDUSP, 2007.